

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO __ UNI-Rio
MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DA DISCIPLINA PROM III
PROFª REGINA MÁRCIA SIMÃO SANTOS
ALUNA CLAUDIA MARIA MONTEIRO SANT'ANNA

UMA PRÁTICA COM O CORAL DE DEFICIENTES VISUAIS
DO INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT

Rio de Janeiro __ 1995

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	03
I - A PROBLEMÁTICA DA DEFICIÊNCIA	04
1 - Algumas Definições	04
2 - Canais Sensoriais	06
II - I INSTITUTO E SEU COMPROMISSO COM A EDUCAÇÃO	
ESPECIAL - Esboço Histórico	08
I - A Musicografia	12
III - O CORAL DO IBC	
1 - O Perfil do Coro	13
2 - O Trabalho do Regente como forma de Musicalização	13
3 - Um Ensaio	17
CONCLUSÃO	19
BIBLIOGRAFIA	20
ANEXO - Partitura Transcrita em Braille de peça cantada pelo coro acompanhada de partitura original.	

INTRODUÇÃO

No ano de 1992, foi feito um convênio entre a Universidade do Rio de Janeiro (UNI-Rio) e o Instituto Benjamin Constant, através da professora Marília Pinto de Almeida, professora desta Universidade, oferecendo o "Curso de Musicografia Braille", destinado à necessidade da formação de transcritores, ou seja, profissionais especializados em transcrever partituras musicais, quer sejam instrumentais ou vocais, para o sistema braille (a algum tempo atrás, houve uma tentativa da realização deste curso, mas devido ao fato de que os alunos não possuíam conhecimentos musicais, tornou-se inviável a utilização daqueles profissionais formados) e principalmente para atender à continuidade da produção do repertório do Coral do Instituto Benjamin Constant, este se destacando a cada ano.

Ao concluir o curso de musicografia (sua duração foi de quatro meses: agosto à dezembro do referido ano), passei a trabalhar como transcritora e tornei-me integrante do Coral do IBC, conhecendo um novo universo.

Neste trabalho procurarei descrever, como observadora e participante, a prática com este coral de deficientes, onde o regente é também cego, na tentativa de abordar questões como a deficiência visual em si, a percepção auditiva, o trabalho do regente cego como forma de muzicalização, estabelecendo uma relação com outros conceitos de educação.

I - A PROBLEMÁTICA DA DEFICIÊNCIA

Para um breve histórico e algumas definições, partirei das reflexões de Telford e Sawrey em O Indivíduo Excepcional (1978) e outros autores.

" O homem somente poderá sentir-se independente e realizado quando puder prover suas próprias necessidades "

(Telford)

A postura da sociedade diante da problemática que envolve a pessoa deficiente é o resultado de uma evolução no decorrer dos tempos, desde a Idade Média.

Durante muito tempo, os cegos foram considerados seres inúteis, como uma espécie inferior, totalmente voltada à ignorância. A sociedade julgava a competência do indivíduo pela sua perfeição física. Caso contrário, tornava-se inviável a sobrevivência deste indivíduo no grupo social ao qual pertencia.

" Em Esparta, uma criança ao nascer, era submetida a testes de resistência, que lhe dariam o direito à vida ou não.

Os judeus respeitavam o deficiente, mas não lhe permitiam o acesso à posições nobres.

A mentalidade hebraica interpretava a existência de defeitos físicos como castigo divino; procuravam as famílias ocultar os portadores de deficiências, porque viam-nos como uma espécie de maldição dos céus." (I)

I - Algumas Definições:

A cegueira é produzida por uma grande variedade de causas genéticas e ambientais. As infecções e os acidentes não são as causas mais importantes. Uma grande porcentagem de casos de cegueira é devido a fatores pré-natais. " As infecções provenientes de vírus na gravidez constituem o terceiro grande grupo de causas responsáveis pela cegueira no Brasil." Grande parte da população infantil, se cega por falta de vacinação, esta legalmente obrigatória. Também o uso excessivo de alguns (2)

medicamentos podem levar à cegueira, surdez ou outras deficiências.

Os indivíduos "cegos de nascença", é assim que os "cegos de berço" são chamados, não tem noção de forma, carecem de imagens mentais, o mundo limita-se ao próprio espaço que ele ocupa. Necessita esperar o desenvolvimento do ouvido para que ele possa começar a perceber que existe qualquer coisa além desse espaço.

"Só do quinto mês em diante começa a criancinha a associar suas experiências auditivas com as sensomotoras".

(3)

A educação tem que ser feita, principalmente, através dos sentidos de audição, do tato e cinestésicos. Necessitam ler e escrever em Braille.

Os indivíduos considerados parcialmente cegos ou "visão sub-normal", são aqueles dotados de um resíduo visual. Estes tem a capacidade de usar a visão como uma principal via de aprendizagem e não necessitam aprender o Braille, precisando ler em fontes ampliadas ou somente em material impresso em tipo comum em quantidades limitadas.

Os deficientes visuais atravessam por três grandes problemas: a compreensão social, a educação por meios não visuais e a mobilidade independente. "25% dos deficientes dependem de outras pessoas até mesmo nas medidas de higiene, vestuário e alimentação"...

(4)

No que diz respeito a escolaridade, uma grande parte é analfabeta devido às péssimas condições financeiras e às vezes até a própria ideologia da família. "...Na minha época, não precisava estudar, os pais não deixavam".... (G. N., 68 anos). Existem também,

(5)

alguns casos em que crianças por viverem separadas de suas famílias não se adaptam a escolas especializadas (regime internato).

Em meio a essa sociedade capitalista em que vivemos, dentro dos grandes centros urbanos, esses indivíduos encontram barreiras, assumindo profissões, muitas consideradas medíocres, que os impedem até de levarem uma vida normal. É preciso alertá-los sobre a piedade que é sentida por eles, devendo ser reconhecidos como indivíduos produtivos. "...cego é só a visão, o resto é normal"....

(6)

2 - Canais Sensoriais:

Todos os sentidos - tato, audição, olfato, paladar - são iguais tanto no deficiente visual, quanto no vidente (indivíduo de visão normal), onde estes ..." se igualam ou superam os cegos em sua capacidade de identificar a direção ou distância da fonte de um som, de discriminar as intensidades relativas dos tons"...
(7)

A visão é um sentido que está sendo constantemente estimulado, e ..."é através da visão que o homem recebe as informações do ambiente e desta forma decodifica todos os seus componentes. O mesmo não acontece com a pessoa cega. Desta forma deve-se dar a oportunidade de estimulação contínua dos outros sentidos"... Daí, a
(8)

necessidade da estimulação, da exploração desses sentidos, para dar condições a criança a aprender a estabelecer relações com o meio em que vive.

Um indivíduo totalmente cego pode sentir obstáculos no seu caminho. É o chamado ..."sentido de obstáculo do cego"...
(9)

Isso gerou a crença popular, que é completamente errada, de que os deficientes visuais possuem uma capacidade sensorial superior.

Alguns fatos relativos ao sentido de obstáculo:

..."a estimulação auditiva é uma condição necessária e suficiente para a percepção de obstáculos"...

..."as mudanças na intensidade de um som são uma condição necessária à percepção de obstáculos. O fato de um som aumentar à medida em que o ouvinte se desloca no sentido da fonte sonora é conhecido como o efeito de Doppler"...
(10)

Os deficientes visuais ainda que desprovidos de imagens visuais, desenvolvem e usam conceitos de forma, espaço, distância, que derivam de explorações táteis, cinestésicas e auditivas.

A cinestesia (sensibilidade nos movimentos) atua com o tato na questão do conhecimento das qualidades espaciais dos objetos, necessitando de um contato direto com estes ou movimentos em torno deles. ..."o ouvido fornece pistas para a direção e distância dos

dos objetos que produzem sons, mas não fornece uma idéia dos objetos em si"....

(II)

Em relação a acuidade auditiva, tem-se a impressão que o deficiente visual "tem um melhor ouvido". O fato é que o cego usa mais do ouvido, "... "único sentido funcionando em todas as direções, sempre aberto a qualquer estímulo que venha do ambiente"...., do que qualquer outra pessoa.

-
- (I) - Ensaio Sobre a Problemática da Cegueira, Fundação Hilton Rocha.
- (2) - Idem;
- (3) - Espínola Veiga, J., O Que É Ser Cego
- (4) - Idem;
- (5) - Depoimento retirado do livro O Que É Ser Cego;
- (6) - Idem nº (I);
- (7) - O Indivíduo Excepcional; Telford e Sawrey;
- (8) - Idem ao nº (3);
- (9) - Idem ao nº (7);
- (IC) - Idem ao nº (7);
- (II) - IDEM ao nº (7).

II - O INSTITUTO E SEU COMPROMISSO COM A EDUCAÇÃO ESPECIAL

Esboço Histórico

Foram estudadas várias maneiras de se educar os cegos. No século XVI, apareceram as primeiras publicações sobre a educação de cegos e, no século XVIII, foi publicado um livro sobre o ensino da matemática para cegos por Jacques Bernoville. Nesta mesma época, surgiram várias tentativas de escrita para cegos. Em 1786, Valentin Haüy fundou a primeira escola para cegos tornando-se instituição pública em 1791, o que serviu de exemplo para outros países. Em 1829 foi instalado nos Estados Unidos o primeiro Instituto para cegos, em Massachusetts (Perkins Institute for the Blind), ainda hoje proeminente entre as maiores.

O Brasil no setor da educação de cegos, foi o pioneiro em instituir esta educação diretamente pelo governo antes de todos os outros países da América. A primeira preocupação oficial com a educação de deficientes foi o projeto de lei apresentado pelo Deputado Cornélio Ferreira França à Assembléia, em 1835, visando a criação do lugar de professor de alfabetização (à época chamado professor de primeiras letras) para o ensino de cegos e surdos-mudos, na capital do Império e nas capitais das províncias.

O Imperial Instituto dos Meninos Cegos, primeiro educandário especializado para o ensino de cegos no Brasil, foi criado pelo Decreto Imperial nº 1.428, de 12 de setembro de 1854, que, após o advento da República passou a chamar-se Instituto Benjamin Constant, em homenagem ao maior propulsor da educação dos cegos no Brasil.

Até o ano de 1926, o Instituto Benjamin Constant foi a única instituição especializada na educação de deficientes visuais no Brasil, quando foi inaugurado em Belo Horizonte, a 2ª Escola Brasileira, o Instituto São Rafael. Até então, era insuficiente o número de escolas especializadas em todo o País.

Esta instituição especializada foi inaugurada em solenidade

Houve uma ampliação das atividades no Instituto com a criação do seu curso ginásial, pelo Decreto nº 14.165, de 1943, Ministerial nº 385, de 08 de julho de 1946.

(I)

A partir de então, a educação dos deficientes visuais no Brasil teve grande impulso, ampliando o campo das possibilidades intelectuais, abrindo-lhes as portas das escolas secundárias comuns, de 2º grau e das Universidades. O Instituto preocupado em não restringir o atendimento educacional somente a estudantes cegos, voltou-se para a especialização de professores, muitos vindos de outros Estados, com o objetivo de difundirem técnicas e transmitir as experiências adquiridas em cursos e estágios feitos neste estabelecimento de ensino. Forneceu durante anos, gratuitamente à pessoas cegas e a entidades especializadas do País, livros transcritos em sua Imprensa Braille, a primeira fundada no Brasil e presta a mais de 40 anos serviços referentes a educação e integração social do deficiente visual.

Através do decreto nº 72.425, de 03 de setembro de 1973, o Instituto Benjamin Constant foi órgão subordinado ao Centro Nacional de Educação Especial - CENESP, do Ministério da Educação e Cultura, extinto por volta de 1985/86, e hoje é um órgão da SEESC - Secretaria de Ensino Especial, a qual compete supervisionar o ensino. O Instituto é hoje a única escola para deficientes visuais federal no Brasil.

Princípios educacionais do Instituto:

- I - ministrar em regime de internato e externato, de acordo com a legislação em vigor, ensino pré-escolar e de 1º grau para alunos cegos ou de capacidade visual reduzida, de ambos os sexos, matriculados na faixa etária dos 0 aos 14 anos, bem como promover cursos especiais de qualificação profissional;
- II - promover estudos e pesquisas, no campo pedagógico, visando ao aprimoramento de métodos, procedimentos e técnicas para a educação especial de deficientes visuais;
- III - promover estudos e pesquisas no campo oftalmológico, relacionados com a profilaxia da cegueira, visando a determinação de procedimentos e recursos óticos que possibilitem a melhor utilização da visão residual e atividades pedagógicas;

IV - promover dados e pesquisas no campo psicossocial visando a melhor orientação ao educando, sua integração à família, à escola, à sociedade e ao grupo profissional a que venha pertencer.

(3)

À época (o Instituto enquanto órgão do CENESP), a administração além de cumprir estas finalidades, já iniciava ações necessárias para transformar o Instituto Benjamin Constant em educandário padrão para cegos, e campo de pesquisas para a atualização de técnicas para todo o País.

Hoje, o Instituto atende cerca de 300 alunos (cegos e visão subnormal) de 0 anos de idade (estimulação essencial), até a 8ª série do 1º grau e paralelamente, alunos para reabilitação (que ficaram cegos adultos) que vão para conhecer atividades como aprender o braille, orientação e mobilidade, educação física e outras.

Foi no Governo de Getúlio Vargas que houve a inclusão do ensino musical e profissional. ... "os alunos estudavam solfejo, harmonia, piano, violão, violino, e faziam também aulas de canto"⁽⁴⁾.

Infelizmente, o ensino musical esta defasado. Os Professores foram se aposentando e suas vagas não foram preenchidas por outros. Isso é um problema que envolve a direção e o Governo atentar à necessidade da realização de concurso para profissionais desta área.

O que pode-se constatar de atividade musical hoje, no Instituto é o Coral. Há uma desestimulação por parte dos professores (piano, violão, instrumentos de sopro, ...) tornando prejudicial o ensino musical. ... "a Casa tem professores de piano que não dão aula de piano, professores de instrumentos de sopro que não dão aula, "...

(5)

É preciso que a Direção do Instituto atente ao fato de reerguer o ensino musical, que a anos atrás acontecia em várias atividades.

(1) - Documento do Instituto Benjamin Constant;

(2) - Idem;

(3) - Idem;

(4) - Entrevista com o regente do Coral do IBC, Profº. Sidney Marzullo.

I - A Musicografia:

Foi a partir de um sistema tátil utilizando doze pontos em relevo criado por Charles Barbier que o deficiente visual e músico Louis Braille, desenvolveu a leitura tátil utilizando seis pontos. Os seis pontos combinados de acordo com o número e a posição, deram origem aos 63 símbolos usados para todo o alfabeto, números, símbolos matemáticos, químicos, físicos e notas musicais.

Determinadas letras do alfabeto braille, são usadas para representar as notas musicais diretamente em semibreve, mínima, semínima, colcheia, semicolcheia, fuzas e semifuzas. A combinação de uma série de outros sinais braille, representa todos os outros sinais musicais, dinâmica, todas as situações musicais.

Baseado nas Resoluções da Conferência Internacional de Musicografia Braille (Paris, 1954), essa escrita musical foi unificada, havendo correção em 1956.

A musicografia já nasceu praticamente pronta. Nas outras áreas o sistema vem sofrido várias correções. Em relação a escrita musical em tinta, a musicografia apresenta-se de uma forma coerente. O estilo de apresentação de partituras varia de país para país.

Hoje, no Coral do IEC, somente o regente é quem lê a partitura. Os componentes do coral que souberem musicografia (aqueles que estudam música) também tem condições de acompanhar a leitura musical em braille.

III - O CORAL DO IBC

I - O Perfil do Coro:

O Coral do Instituto Benjamin Constant foi um grupo que aconteceu num mero acaso no ano de 1979, pelo professor e regente Sidney Marzullo, à época coordenador do ensino musical do IBC, para participar da comemoração dos 125 anos do Instituto.

Numa proposta bem informal, foram escolhidos alguns alunos, um repertório fácil (os arranjos foram feitos pelo professor) e cantaram três músicas. ... "a muito tempo não se fazia música naquela Casa"...

(I)

Ao longo dos dezesseis anos de atividade do grupo; 35 componentes a princípio só formado por alunos e hoje composto também por ex-alunos, professores e funcionários administrativos; tiveram a oportunidade de cantar em várias Universidades, FUNARTE, RÁDIO MEC, várias escolas do 2º grau, promoveu encontros de corais, Centro Cultural Banco do Brasil, Centro Cultural da Light, e outros, obtendo grande êxito.

2 - O Trabalho do Regente como forma de Musicalização:

Em virtude da deficiência visual do coro e do regente, este criou uma técnica especial de condução do canto coletivo.

O regente não se mantém numa posição estática, movimentando-se entre as fileiras paralelas de vozes masculinas e femininas, passando assim, as informações de dinâmica, ... "às vezes agógica, às vezes sonora"...

(2)

Isso não dispensa os ensaios que são feitos por naipes e uma vez por semana com o grupo todo, onde essa dinâmica (piano, cresc., rall., ...) ... "são passadas de forma a eles estarem preparados para a apresentação"...

(3)

A regência é feita através de ruídos. Usa o diapasão, que, além de oferecer o som gerador da afinação, utiliza-o para marcar o tempo com a baqueta passando os compassos (binários, ternários, quaternários, ...) ... "de uma forma bem fria, o tempo nítido, marcado, tendo a sensação do andamento, da pulsação, exercitando isso na hora de cantar"..., ... "isso fica mais ou menos intrínseco dentro de cada um deles"...

(4)

Como forma de musicalização, vejo o trabalho do regente como um princípio não formal de educação ... "o resultado desta musicalização é natural"...

(5)

A maior parte dos coralistas possuem um pré-requisito de afinação, de ritmo. O regente não se detém em fazer um exercício de aprendizagem formal, ... "o objetivo é fazer o grupo cantar"... Na tentativa de fazer repertório, procura escolher músicas que tragam informações históricas, ditando a época, o estilo, que nos próprios ensaios individuais ou em grupo, há uma troca dessas informações.

(6)

O embasamento teórico (a maioria não estuda música), a abordagem dos parâmetros do som, também acontecem na medida em que vão surgindo dentro do próprio repertório. Quando apresentam uma canção da Renascença, o regente incentiva os coralistas a escutarem músicas desta e outras épocas, numa forma de ampliar o conhecimento.

São promovidos concertos didáticos; onde o grupo tem a oportunidade de assistir a outros corais; havendo troca de informações com os maestros. Vão tomando consciência de um trabalho em grupo, tornando-se conscientes de uma forma de expressão.

O regente acrescenta ao repertório os próprios arranjos de músicas que o grupo conhece, que escolhem, ... "gosto muito de motivá-los com a música do gosto deles, que tenham algum incremento, um ingrediente, um movimento corporal embora tenham dificuldades na expressão corporal de imitar os videntes, sugiro que esta seja espontânea"...

(7)

Sugere que façam e que sintam o ritmo com o próprio corpo. Alguns componentes fazem arranjos para o Coro, outros tentam, mas

não conseguem, pois como não tiveram oportunidade de estudar música, (o regente pede o arranjo escrito), não dominam a musicografia, não escrevendo os arranjos.

Participam muito com instrumentos de percussão (nos arranjos do regente ... "eu sugiro que haja essa coordenação motora: dançar, cantar e tocar"... Sempre que pode, desperta neles o desejo de es-

(8)

tudarem mediante a grande musicalidade que muitos apresentam, e é feita uma auto-avaliação pelo grupo do fazer musical.

Essa proposta tem o objetivo de:

- integrar o deficiente visual à sociedade através do canto coletivo;
- popularizar as técnicas do canto coral a partir de um repertório variado;
- desenvolver a capacidade de improvisação instrumental.

Ao entender esta prática não formal deste trabalho realizado pelo regente/coro da qual faço parte e acredito, pude estabelecer um paralelo com o conceito de educação da chamada Educação Problematizadora, de Paulo Freire, ou seja, a educação com o papel de expôr, de transformar os conteúdos em realidade quanto a "praxis". Um conceito de educação com um caráter reflexivo. É o indivíduo consciente de seu papel na sociedade e de sua capacidade de transformação e atuação (um coro de deficientes visuais esclarecendo à sociedade suas reais possibilidades numa prática de canto coletivo).

O professor (associa-se ao regente) deixa de ser mero transmissor, passando a ser um expositor; o professor dentro desta educação problematizadora são profissionais comprometidos com a educação e voltados para uma ação transformadora; interagindo sempre na prática com o aluno (os coralistas). Ambos são o sujeito desta educação.

É a educação feita com base na construção do conhecimento.

Estabeleço um outro paralelo também pela proposta educacional de Jaques-Dalcroze (1865-1950).

Dalcroze preocupou-se em reformular uma educação formal observada nas escolas da sua época. Propõe um fazer musical com base na auto-expressão, numa consciência rítmica, interagindo o corpo e

a mente. Esta proposta poderia ser aplicada ao coro num trabalho de conscientização corporal (necessária para um melhor desempenho dos coralistas), explorando o movimento, aliado às sensações táteis (perceberem o movimento do próprio corpo no ato de respirar) e à exploração auditiva (cultivando a escuta, criando formas e imagens rítmicas que poderiam ser aplicadas em exercícios de vocalize) se tratando de um grupo de deficientes visuais incentivando-os a imaginação, a criação.

-
- (1) - Entrevista com o regente do Coral do IBC, Prof^o Sidney Marzullo;
 - (2) - Idem;
 - (3) - Idem;
 - (4) - Idem;
 - (5) - Idem;
 - (6) - Idem;
 - (7) - Idem;
 - (8) - Idem.

3 - Um Ensaio:

Uma das peças que fazem parte do repertório foi trazida pelo regente e escolhida em comum acordo com o grupo. Trata-se de um canto natalino - In Dulci Jubilo, Bach (1685-1750). É bem provável que esta não seja a partitura original, pois a indicação de dinâmica ainda não constava em partituras daquela época. Mesmo assim, o regente procura respeitar a dinâmica presente na partitura.

Cria-se em torno da nova peça musical uma grande expectativa em relação ao efeito musical final.

Antes de partir para o ensaio coletivo, foram feitos insistentes ensaios por naipes a fim de resolver uma das dificuldades que é a pronúncia da letra, em latim e alemão (são trocadas informações entre o regente, os corralistas e professores sobre a pronúncia), pois já é configurada nesta época uma mistura de civilizações no universo eclesiástico; depois da Renascença com o surgimento do Barroco, havia muita mistura lingüística.

O regente passa a informação sonora através do canto ou da execução de cada voz ao piano. Assimilam por audição. O regente possui a partitura musical em braille e domina todas as vozes.

No ensaio os corralistas tem o texto (a letra) em braille, o que facilita a assimilação prosódica da melodia (houvem a melodia e conseguem encaixar os acentos). No caso desta letra, o latim não tem acento. A sílaba tônica fica sendo móvel, e com a melodia, os corralistas percebem a sílaba tônica, a acentuação. Ouvindo a melodia e lendo o texto, encaixam a letra e esse texto passa a ser memorizado naturalmente.

O regente começa então pela voz que apresenta a melodia, estipulando um número de compassos que forme uma frase ou um membro de frase (já vai sendo passada a informação do ^{que} vem a ser uma frase). Nesta música In Dulci Jubilo, o regente começa pelo soprano, pois identificou a melodia nesta voz. A partir dela, as outras vozes começam a se situar. O regente segue então, com este trabalho nas outras vozes. Procura sempre parar num acorde de dominante criando uma expectativa do que vem a seguir. Daí, segue conforme a frase, de 4 em 4 compassos, de 8 em 8 ...

Nesta fase, os corralistas não estão preocupados com a dinâmica; esta é situada nas sílabas pelo regente - reproduz a dinâmica de forma

totalmente sonora mediante a dificuldade de não poderem enxergar a dinâmica que é feita por gestos numa prática coral com pessoas de visão normal -, para efeito deles entenderem, depois que o grupo já domina a música como um todo onde assimilam com facilidade.

O regente se baseia praticamente no ritmo para fazer a regência. Se os coralistas não tivessem a sensação rítmica, não executariam.

CONCLUSÃO

É fato reafirmarmos a discriminação e ao mesmo tempo o sentimento de piedade que é dado ao deficiente visual. Esse sentimento deve ser ignorado atentando ao fato de suas reais possibilidades.

O objetivo deste trabalho não foi o de aprofundar-me na problemática do cego, mas sim deixar registrada uma prática educativa feita em moldes não formais de educação; e como toda prática educativa, esta sujeita a discussões e reflexões.

Não se pode desconsiderar certas dificuldades. A principal seria o próprio fato de não enxergarem, não dando-os acesso à uma plasticidade de movimentos (quanto à dinâmica, ao movimento do diafragma na respiração), tornando-os muitas vezes estereotipados; à idéia da formação da vogal "a", por exemplo, ao se propor um exercício de vocalize, afetando a sonoridade do exercício.

Diante de dificuldades como as citadas, proponho Dalcroze como um caminho, por ele estar bem próximo a realidade deste Coro; um trabalho com base na exploração rítmica e sensações táteis.

BIBLIOGRAFIA

- CHARLES, Telford W. e SAWREY, James M. O Indivíduo Excepcional - 3ª edição - 1978 - Zahar Editores;
- FUNDAÇÃO HILTON ROCHA, Ensaio Sobre a Problemática da Cegueira - 1987 - Belo Horizonte - (monografia publicada pelo Senado Federal, cuja autoria é de uma equipe de profissionais da Fundação Hilton Rocha, incluindo o próprio professor Hilton Rocha);
- VEIGA, J. Espínola. O QUE É SER CEGO - Rio de Janeiro - 1983 - Livraria José Olympio Editora;
- SELECCION DE ARTICULOS SOBRE EDUCACION DE CIEGOS - International Council for Education of the Visually Handicapped - Region Latinoamerica - Cordoba - Argentina - nº 27 - 1982;
- Documento do Instituto Benjamin Constant referente ao Histórico - Folheto: Histórico do Instituto Benjamin Constant, (1854-1980);
- YOGUE RAMACHARACA, Ciência Hindu-Yogue da Respiração - Coleção Yogue - Editora Pensamento, São Paulo, (não consta o ano);
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido - 17ª edição - Paz e Terra - 1987 - Rio de Janeiro;
- Entrevista realizada com o regente do Coral do IBC, Profº Sidney Marzullo, em sua residência, no dia 16 de Junho de 1995;
- SANTOS, Regina Márcia Simão. Descrição de Quatro Métodos Utilizados na Aprendizagem Musical Formal - capítulo IV
A natureza da Aprendizagem Musical e suas Implicações Curriculares.
 Dissert. de Mestrado, Fac. de Ed.
 da UFRJ. Rio Janeiro; 1986

ERRATA

Página 7 : Nos números referentes às citações leia-se:

- (1) - FUNDAÇÃO HILTON ROCHA, Ensaios Sobre a Problemática da Cegueira, pág. 183;
- (2) - Idem, pág. 207;
- (3) - VEIGA, J. Espínola. O QUE É SER CEGO, pág. 4;
- (4) - Idem, pág. 9;
- (5) - Idem ao nº (1) - Depoimento retirado deste livro, pág. 205;
- (6) - Idem ao nº (1), pág. 205;
- (7) - CHARLES, Telford W. e SAWREY, James M. O Indivíduo Excepcional, 1978, pág. 378 e 379;
- (8) - Idem ao nº (3), pág. 30;
- (9) - Idem ao nº (7), pág. 374;
- (10) - Idem ao nº (7), pág. 374 e 375;
- (II) - Idem ao nº (7), pág. 379.

Página II: Nos números referentes às citações leia-se:

- (1) - Documento do Instituto Benjamin Constant - Folheto sobre Histórico, sem nº de página;
- (2) - Idem;
- (3) - Idem;
- (4) - Entrevista com o regente do Coral do IBC, Profº Sidney Marzullo;
- (5) - Idem.

Página 15: 4º Parágrafo, leia-se:

O professor (associa-se ao regente) deixa de ser mero transmissor, passando a ser um expositor (na medida em que expõe, levanta questões, argumenta junto); o professor dentro desta educação problematizadora é um profissional comprometido com a educação e voltado para uma ação transformadora; interagindo sempre na prática com o aluno (os coralistas). Ambos são o sujeito desta educação.

entre cada melodea

IN DULCI JUBILO

Coral

Helion

27

66 JOHANN SEBASTIAN BACH
(1685, Eisenach - 1750, Leipzig)

CORAL MUNICIPAL
VR

ALLEGRO

SOPRANO

In dul - ci ju - bi - lo

CONTRALTO

In dul - ci ju - bi - lo

TENOR

In dul - ci ju - bi - lo

BAJO

In dul - ci ju - bi - lo

sin - get und seid froh un - sers Her - zens

sin - get und seid froh un - sers Her - zens

sin - get und seid froh un - sers Her - zens

sin - get und seid froh un - sers Her - zens

Won - ne liegt in prae - se - pi - o,

Won - ne liegt in prae - se - pi - o,

Won - ne liegt in prae - se - pi - o,

Won - ne liegt in prae - se - pi - o,

Won - ne liegt in prae - se - pi - o,

Won - ne liegt in prae - se - pi - o,

Won - ne liegt in prae - se - pi - o,

Won - ne liegt in prae - se - pi - o,

Transcrito em 07/05/93 B.A. 11456

